

...O Fiel Amigo...

Mar...Marinheiros, Pescadores, Fiel Amigo e o Natal.

Hoje é dia de Natal, e fui ver-o-mar. Aliás, não ia vê-lo, mas aproveitei e fui!

Mas porque é tinha que ver-o-mar? O barco é teu? Meu não é!.. Nem teu, nem do Adamastor...é do Armador...

Então nasceu a luz, e por isso fui parar ao mar...

Aí, li Virgílio Ferreira, e, vejam bem, o mal que me fez?

Já não bastava querer que o medievo regressasse aos dias de hoje, como ainda, se põe a classificar os humanos, segundo uma bitola filosófica, de filósofo inexistente como se de um marítimo se tratasse...

Daí a classificar "**um ser inteligente como um desgraçado**" e "**um imbecil como um ser feliz**". Pensando bem é capaz de ter razão. No mar tudo pode acontecer...

Mas tenhamos presente, que esta afirmação não tem apenas a ver com a presença obtusa do terráqueo, no meio marinho...Não!

Só que esta "raça" de pessoas que referenciei é assim, pois conseguiram fazer do mundo em bruto, "o Mar"; ou seja, aquilo que ele hoje é...um meio de fornecer alimento e muito mais.

Já vimos que o Fiel amigo e o marítimo, pescador ou não, tal como o medievo, anda de mãos dadas; se não, vejamos:

- Vai já para perto de uma centena de anos que "José Cunha Esteves" fazia publicar num determinado Jornal do Seixal, num domingo de Páscoa, um artigo sobre os Marinheiros pescadores portugueses, e em particular os pescadores da pesca do bacalhau.

O que não é novidade nenhuma é que os portugueses começaram a pescar o **fiel amigo**, vai para perto de setecentos anos.

É aqui que reconhecemos ao medievo a suas qualidades natas, para ser apelidado de marinheiro, voluntário ou à força, ou outra designação que o valha, o que não interessa para o caso.

Assim reza a história, e não como alguns querem fazer crer, que apenas começámos essa maravilhosa "Lide da Marinharia", em meados de 1829, e segundo Michel Bouquet, os nossos mestres seriam os "Ingleses", porque os portugueses, dessa data, eram uma "cambada de ignorantes".

Ele não disse propriamente isto, mas em análise filosófica ou marítima, devia andar muito perto.

O que o senhor Michel Bouquet não sabia na altura, é que estabelecidos que foram os limites territoriais da nossa Nação, quando D. Afonso III, o nosso bem-amado Rei, que conquistou o Algarve aos Mouros, geneticamente, teria transmitido ao seu filho D. Dinis, a brilhante ideia de criar uma Marinha.

Quem diria que El-Rei de cognome o"O Lavrador", havia de criar uma actividade designada como Marinha? Teria começado aqui a Escola Náutica?

Neste momento em que escrevo não sei! Mais lá à frente veremos!

Também não sei se repararam, que apenas referi Marinha, sem especificar que tipo de Marinha?

É certo e sabido, que ao falar de marinheiros, é inevitável falar da Marinha Mercante, da Marinha de Guerra, da Marinha de Recreio, Marinha de Pesca e da Marinha Grande...

Enfim Marinha...Nessa não vou. Não vou, porque os marinheiros também se assemelham a um livro, em que o livro é tão bom como o anterior, mas também é sempre pior que o anterior. Assim diria Virgílio Ferreira, e eu adaptei ao texto...

Ser-se Marinheiro é ser-se especial. Por isso, é de aproveitar agora para dizer mal, enquanto ele é vivo, porque depois de morto só te resta dizer bem...

Assim tenho aprendido nos funerais dos nossos colegas que vão partindo à nossa frente...

Dizia eu, que após D. Dinis, os seus sucessores continuaram a acarinhar o desenvolvimento da Marinha, até que no reinado de D. Afonso IV, perderam o medo, passando de marinheiros de água doce a marinheiros de mar alto, tendo por isso descoberto as Canárias.

No reinado seguinte; ou seja, no reinado de D. Pedro I, estamos a falar por volta de 1385, mais propriamente 500 anos, após a "boca", que o senhor Michel Bouquet deu, é celebrado entre El-rei de Portugal e Eduardo III de Inglaterra, um tratado.

Este tratado previa, que os pescadores portugueses do Porto e Lisboa, pudessem exercer a actividade da pesca do bacalhau, nas costas Inglesas, por um período de cinquenta anos.

Portanto Michel Bouquet não só se enganou, como ainda pretendeu enganar a opinião pública àquela data, por desconhecimento implícito de que havia Portugueses na faina do bacalhau, muito antes do que ele pensava.

Mais uma vez pensamos como Virgílio Ferreira, ao dizer a uma parede branca, que ela é cinzenta, e ela não passar dessa mesma cor. Isto de ser marujo e sobre tudo pescador, tem que se lhe diga.

Daqui em diante, se a memória não nos traiçoa, e após o casamento de El-rei de Portugal, D. João I, em 1387, depreendemos que esse tratado foi revisto, tendo então os pescadores portugueses continuado a frequentar a costa Inglesa, até ao último quartel do século XV.

No início do século XVI, os nossos marujos/pescadores, transfeririam a sua actividade para os bancos da Terra Nova, passando a ser então os pioneiros / estrangeiros a exercer a actividade da pesca do bacalhau naquelas paragens.

Aqui começa a verdadeira dor de cabeça do fiel amigo...

E como chegou até nós o conhecimento da existência abundante do bacalhau nos bancos da Terra Nova?

Não se sabe! Mas eu vou investigar...

Entretanto, rezam os anais da história, que a Armada Inglesa veda-nos o acesso às paragens da Terra Nova, expondo as nossas províncias Ultramarinas à mercê dos nossos inimigos Holandeses e Alemães, e porque não dos próprios ingleses. Aqui entram os outros Marinheiros. É tudo Marinha...

Em 1580, inicia-se uma página negra da nossa existência, que perduraria por 60 anos, com o domínio castelhano sobre o nosso país. Não sabemos se a Armada espanhola atacou...

Mas os marujos, são notícia, e a revolução de 1640 dá-se, e quem nos diz a nós, que hostes dos revoltosos não se encontrava pessoal do mar?

Quem estava no Terreiro do Paço? Marujos claro... E alguns de Estarreja; é, bem provável!...

Seguem-se 28 anos de Guerra da Restauração.

Entretanto os marinheiros portugueses continuaram a pescar bacalhau na Terra Nova, a que se segue um período de acalmia, subitamente interrompido pelo Terramoto de 1745 e a nossa consequente entrada na Guerra dos Sete Anos.

Por esta altura, suspendemos a faina da pesca quase na totalidade, por falta de recursos económicos e sobretudo por falta de marinheiros pescadores para tripular as embarcações.

Ainda não refeitos de todas estas desgraças, os franceses entram-nos por "Terra Dentro", e foi o que todos sabemos.

Para ajudar à festa D. Pedro I, vai de "férias" para o Brasil, deixando os portugueses às voltas com uma guerra civil, e entregues a si próprios, como se um deputado deixasse um partido e se filiasse logo de imediato noutra!

Mais uma vez a marinha e os marinheiros são chamados a intervir em todo este processo de fuga da família real para o Brasil.

Com isto passam-se dois séculos.

Por volta de 1829, regressamos aos Bancos da Terra Nova.

Daqui, a confusão do senhor Michel Bouquet e mais tarde do senhor D.W. Prouse, que tiraram conclusões precipitadas, sobre as capacidades dos Marinheiros Portugueses.

Mas a sua confusão tem a ver com a ida dos armadores portugueses às compras a Londres, mais propriamente no Devonshire, onde seriam adquiridos alguns navios para a faina da pesca do bacalhau, e a que se seguiu a contratação de alguns marinheiros ingleses.

Aqui entram outros Marinheiros...Estes são os outros...

Portanto, caríssimos “fazedores” de notícias, é enorme a quantidade do que não sabemos, pelo que mais vale estar calado, a mandar “bocas” sobre os marinheiros portugueses, quando deles nada ou pouco sabem.

Só há duas formas fortes de se duvidar; é termos lá estado, ou o nosso paizinho nos ter contado como as coisas se passaram!

Como nada disso aconteceu! Temos que fazer fé nos escritos sobre esta matéria que nos foram legados, e é em 1884, que o senhor Capitão José da Cunha Ferreira, natural da ilha de S. Jorge, e por sinal descendente do grande marinheiro João Vaz Corte Real, então a residir nos E.U.A., abandonaria aquele país, para se radicar entre nós e desenvolver a actividade da Marinha de Pesca.

Para os curtos de memória, relembro que este senhor era português.

Este personagem ficaria historicamente para sempre ligado a esta actividade, e tanto quanto se sabe, fundaria a Atlântica – Companhia Portuguesa de Pesca, na Figueira da Foz, que recentemente, celebrou o seu centenário, ao operar o navio “Júlia I”, cujos tripulantes eram na sua maioria Açorianos, e que haviam pescado na costa dos E.U.A.

Progressivamente, a técnica da faina da pesca do bacalhau disseminar-se-ia por toda a costa portuguesa, pelos ensinamentos veiculados pelos Açorianos, desenvolvendo-se assim, também as técnicas da escala e da salga.

Aparecem outras empresas importantes entre as quais se incluem a Parceria Geral de Pescarias e a SNAB, que por sinal efectuariam o recrutamento dos seus marinheiros pescadores em Ponta Delgada.

Em 1903, a Atlântica – Companhia Portuguesa de Pesca, muda a sua sede para o Moinho do Capitão no Seixal, que ainda hoje existe, tendo o seu fundador Capitão Ferreira, vindo o mesmo a falecer na Figueira da Foz em 1945.

O Capitão Ferreira morre com 90 anos de idade, porque a morte não se pode vencer, mas os seus legados perpetuaram-se através dos tempos, porque o que ainda hoje resta da escala e da salga, por ele nos foi ensinado.

Um dos seus últimos legados, o navio com o seu nome, jaz como a "bela adormecida" encalhado e "ferido de morte" a EB, para os lados do Talaminho, com duas tábuas de resbordo, a meia-nau, metidas dentro.

As marés visitam-no com a frequência habitual, e dentro do seu ventre, fauna e flora predominante no local, toma o lugar que outrora pertenceu ao fiel amigo.

Falámos dos marinheiros e pescadores e do Fiel Amigo, relembremos Virgílio Ferreira, e prometemos a nós próprios comer uma bacalhoadada, em sua memória e destas duas personagens!

Bom Natal

